

Das entrevistas faladas aos relatos escritos: a historicidade das interações verbais

(From spoken interviews to written accounts: historicity of verbal interactions)

Maria Ignez de Lima Pedroso¹

¹Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP)

mi.lima@terra.com.br

Abstract: In this research, based on dialogical conception of language, on linguistic-discursive studies related to written heterogeneity, on studies of discourse associated to French Discourse Analyses and on ethnographic researches that recognize the multiplicity of literacy practices in different social contexts, we investigate the historicity of verbal interactions observed through the linguistic-discursive marks. These marks were inscribed in writing accounts of two children from elementary school, after interviews with their parents about the memories they keep from the gestation to the first three years of life of these children. Results corroborated the importance of personal writing as a significant and motivating practice for mother tongue teaching and learning.

Keywords: dialogism; speech; writing; historicity; discourse.

Resumo: Nesta pesquisa, fundamentada na concepção dialógica da linguagem, nos estudos linguístico-discursivos relacionados à heterogeneidade da escrita, nos estudos do discurso vinculados à Análise do Discurso Francesa e em pesquisas etnográficas que reconhecem uma multiplicidade de práticas de letramentos em diferentes contextos sociais, investigamos a historicidade das interações verbais observada por meio de marcas linguístico-discursivas inscritas na produção escrita de relatos feitos por duas crianças do ensino fundamental, após entrevistas feitas com seus pais sobre as memórias que guardam da gestação até os três primeiros anos de vida de cada uma dessas crianças. Os resultados confirmaram a importância da escrita pessoal como prática significativa e motivadora para o ensino e aprendizagem de língua materna.

Palavras-chave: dialogismo; fala; escrita; historicidade; discurso.

Introdução

Atualmente, o SUS – Sistema Único de Saúde – prioriza o conceito de saúde que vai além da ausência de doença, ampliando as possibilidades de atuação dos profissionais da Saúde, entre eles, a dos fonoaudiólogos, que, interessados em se inserirem em interações verbais significativas com os usuários desse Sistema, têm realizado capacitações promovidas por parcerias realizadas entre o SUS e outras diversas instituições sociais. Desde janeiro de 2010, a Prefeitura de Votuporanga (SP), em parceria com a Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, participa do PROAPI – Projeto de Atenção à Primeira Infância, que prioriza a humanização nos atendimentos às crianças e aos seus familiares. Desse modo, há grande interesse por parte dos pesquisadores e dos profissionais que integram esse Projeto na obtenção de dados vinculados às histórias de vida dessa população. Nesse cenário, foram selecionados os materiais que constituem o *corpus* dessa pesquisa, cujo objetivo é investigar a historicidade das interações verbais por meio da relação sujeito/linguagem e da relação fala/escrita manifestada nas marcas linguístico-discursivas inscritas na produção escrita de relatos feitos por duas crianças do ensino fundamental, atendidas semanalmente no Setor de Fonoaudiologia da Secretaria Municipal da Saúde de Votuporanga.

Percurso teórico

A concepção dialógica da linguagem

Nessa pesquisa, a linguagem é vista, sobretudo em seu princípio dialógico, de acordo com a concepção bakhtiniana, como prática sócio-histórica de interação verbal que manifesta a heterogeneidade do sujeito por meio de enunciados concretos dos gêneros do discurso que o constituem. Esses gêneros são assim denominados:

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana [...] que elabora seus tipos *relativamente* estáveis de enunciados, sendo isso o que denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2000, p. 279)

De acordo com Bakhtin (2000, p. 279-287), “o enunciado é constituído por três elementos: conteúdo temático, estilo verbal e construção composicional”. Os enunciados característicos de um ou de outro gênero discursivo são determinados pela esfera social, pelas necessidades da temática, pelo conjunto dos participantes e pela vontade enunciativa ou intenção do locutor com relação a seu(s) destinatário(s). Esse filósofo da linguagem salienta a importância da heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), classificando-os em gêneros primários e secundários. Considera, ainda, que o estudo da natureza do enunciado tem importância capital para todas as áreas da Linguística, sendo essa natureza esclarecida pela inter-relação entre os gêneros primários e secundários de um lado e pelo processo histórico de formação dos gêneros secundários de outro.

O discurso

Nos estudos vinculados à Análise do Discurso Francesa, o discurso é definido por Maingueneau da seguinte maneira:

O discurso [...] é um acontecimento inscrito em uma configuração sócio-histórica e não se pode dissociar a organização de seus conteúdos e o modo de legitimação de sua cena discursiva. (2005, p. 73-74)

Em consonância com esse autor, compreendemos o discurso como um acontecimento constituído pelo interdiscurso, ou seja, como “uma fala que se dá pela reatualização de outras falas, uma fala que revive o traço invisível e evanescente da palavra do Outro” (MAINGUENEAU, 1991, p. 20). Desse modo, o “dizer” retoma um jogo de palavras clássicas, vindas indiscernivelmente de um “interdizer”.

O texto

Jean-Michel Adam, estudioso da Linguística Textual, partindo da importância de uma visão complementar entre os estudos do texto e os estudos do discurso, define o texto “como objeto concreto, material e empírico resultante de um ato de enunciação” (ADAM, apud Marcuschi, 2008, p. 83).

Levando em conta essa visão de complementaridade, recorreremos a Marcuschi, que se reporta ao trabalho de Coutinho, para apresentarmos ainda as seguintes considerações entre discurso, texto e gênero:

[...] uma das tendências atuais, é a de não distinguir de forma rígida entre texto e discurso, pois se trata de frisar mais as relações entre ambos e considerá-los como aspectos complementares da atividade enunciativa. Trata-se de “reiterar a articulação entre o plano discursivo e textual”, considerando o discurso como “objeto de dizer” e o texto como “objeto de figura”. O discurso dar-se-ia no plano do dizer (a enunciação) e o texto no plano da esquematização (a configuração). Entre ambos, o gênero é aquele que condiciona a atividade enunciativa [...] gênero, que é aqui visto como prática social e prática textual-discursiva. Ele opera como a ponte entre o discurso como uma atividade mais universal e o texto enquanto a peça empírica particularizada e configurada numa determinada composição observável. (COUTINHO, 2004 apud MARCUSCHI, 2008, p. 81-84)

Abordagem social dos gêneros escritos

Seguindo nosso percurso teórico, observamos a ênfase dada por Bazerman ao fato da necessidade de “uma teoria dos gêneros escritos ser dinâmica e estar sempre se modificando, incorporando a criatividade imprevisível das pessoas em situações significativas e motivadoras” (BAZERMAN, 2006, p.10). De acordo com as ideias desse autor, a escrita é imbuída de agência, o que significa que por meio dela podemos alcançar os outros através do tempo e do espaço, para compartilharmos pensamentos, para interagirmos, para explorarmos diferentes sentidos de nossa existência. Em suas palavras:

A escrita pessoal pode ser de grande interesse para as pessoas que os cercam. Mesmo se a escrita imaginativa não chega aos padrões de trabalhos profissionais publicados, tem um valor especial se é feita e compartilhada por pessoas familiares umas com as outras. Se colegas, família e amigos constituem a audiência, a escrita constrói identidade, relações e compreensão mútuas. (BAZERMAN 2006, p. 16-18)

As proposições de Bazerman relacionadas aos gêneros escritos são relevantes, a nosso ver, pois não concebemos a escrita como uma aprendizagem autônoma, mas, sim, vista em seu caráter interativo e agentivo, sobretudo como prática sócio-histórica de letramento, “em sua constituição heterogênea, que manifesta o trabalho do sujeito em sua relação dialógica com a linguagem” (cf. CORRÊA, 2004, p. 294). Nas palavras de Corrêa:

A escrita é um modo de enunciação heterogêneo caracterizado pelo encontro entre práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito, considerada a dialogia com o já falado/escrito e ouvido/lido. (2004, p. 9)

Com essa visão linguístico-discursiva sobre a escrita, chegamos ao conceito de letramento, tal como o concebe Street (1994, p. 1): “são significados específicos que a escrita assume para um grupo social, dos contextos e instituições em que ela foi adquirida”. Desse modo, as práticas de letramento, no plural, são social e culturalmente determinadas. Em seus estudos, Street (1994, p. 4) investiga as características de grandes áreas de interface entre práticas orais e letradas sempre associadas com relações de poder e ideologia, propondo um interessante cruzamento entre os campos ideológicos da personalidade e do(s) letramento(s). Assim, ele cruza os usos e significados do letramento, visto como os modos pelos quais representamos o ler e escrever em diferentes contextos sociais com os usos e significados da noção de personalidade, definida como os modos pelos quais representamos a pessoa em diferentes contextos sociais. Para esse antropólogo, tanto o letramento como a noção de personalidade são vistos como processos ordenadores.

Pesquisas etnográficas relacionadas aos letramentos

Como Street, Lillis também considera o letramento por meio da noção de prática, “indicando que exemplos específicos de uso da linguagem – textos falados e escritos – não existem isoladamente, mas estão ligados com o que as pessoas fazem – práticas no mundo material, social” (LILLIS, 2008, p. 374). Defendendo a utilização da etnografia para diminuir a diferença entre texto e contexto, essa pesquisadora discute, no artigo citado, sobre o valor da etnografia em pesquisa de escrita acadêmica em três níveis, descrevendo, de maneira crítica, as vantagens e as desvantagens dos usos de cada um deles para as pesquisas na área. Esses níveis são: 1. Etnografia como método (entrevista: discurso em torno de textos), 2. Etnografia como metodologia (pesquisas longitudinais: compromisso prolongado do pesquisador com os participantes, com a coleta e com a análise de dados) e 3. Etnografia como teorização profunda (noções de indexicalidade e orientações).

Os três níveis de etnografia acima descritos foram considerados na construção dessa pesquisa, sobretudo o terceiro: a etnografia como teorização profunda, uma vez que as maneiras específicas em que partes de índices de linguagem (indícios de fala/escrita), ou pontos de aspectos de contexto social, modos como os falantes/ouvintes orientam sócio-historicamente para o que é falado e escrito, foram levantados e analisados como apresentaremos adiante.

Das entrevistas faladas aos relatos escritos

Sabemos que a entrevista é um gênero discursivo-textual caracterizado pela interação de dois ou mais participantes, que constroem seu discurso dependendo do tema a ser tratado, partindo das suas perspectivas em relação a esse tema e em relação aos destinatários a quem será dirigida. Por sua vez, os relatos, por definição, constituem-se em gêneros discursivo-textuais caracterizados pela exposição oral ou escrita de um acontecimento, ou seja, são constituídos pela presença de um ou de mais narradores e, pelo menos, duas de suas funções linguísticas podem ser destacadas, de acordo com os estudos relacionados à *Linguística e Poética* (JAKOBSON, 2003, p. 122-162). São elas: a função referencial (privilégio da informação) e a função emotiva (marcas da atitude pessoal: emoções, avaliações, opiniões).

Material e metodologia

O *corpus* dessa pesquisa é constituído por relatos escritos de duas crianças do ensino fundamental atendidas no Ambulatório de Fonoaudiologia da Secretaria Municipal de Votuporanga (SP). Esses relatos foram produzidos em setembro de 2011, após entrevistas que elas fizeram com seus pais sobre as memórias que eles guardavam da gestação até os três primeiros anos de vida de cada uma dessas crianças: uma menina e um menino, ambos com oito anos de idade. No início e no decorrer do primeiro semestre de 2012, diversas práticas de linguagem (orais e escritas) vinculadas àqueles relatos foram ainda realizadas com essas crianças e com os seus pais, visando à coleta de dados etnográficos e linguístico-discursivos relacionados aos diversos letramentos sociais em que estão inseridos. Desse modo, foram realizados: diálogos em torno dos textos produzidos, preenchimento de formulários, assim como gravações de alguns desses diálogos e das leituras feitas em

voz alta pelas crianças dos seus próprios textos. Para fins de pesquisa, os pais das duas crianças autorizaram a utilização de todo o material (escrito e oral) produzido.

Questões

Em todo o material acima especificado, sobretudo nos relatos escritos pelas duas crianças, buscamos encontrar respostas para as seguintes questões: 1. O que discursivamente a oralidade revela sobre os letramentos? 2. Quais e como são as interações que motivam os processos discursivos envolvidos nas práticas sociais de leitura e escrita, observando-se as condições de produção e a historicidade dos sujeitos com a linguagem?

Análises

Relato 1

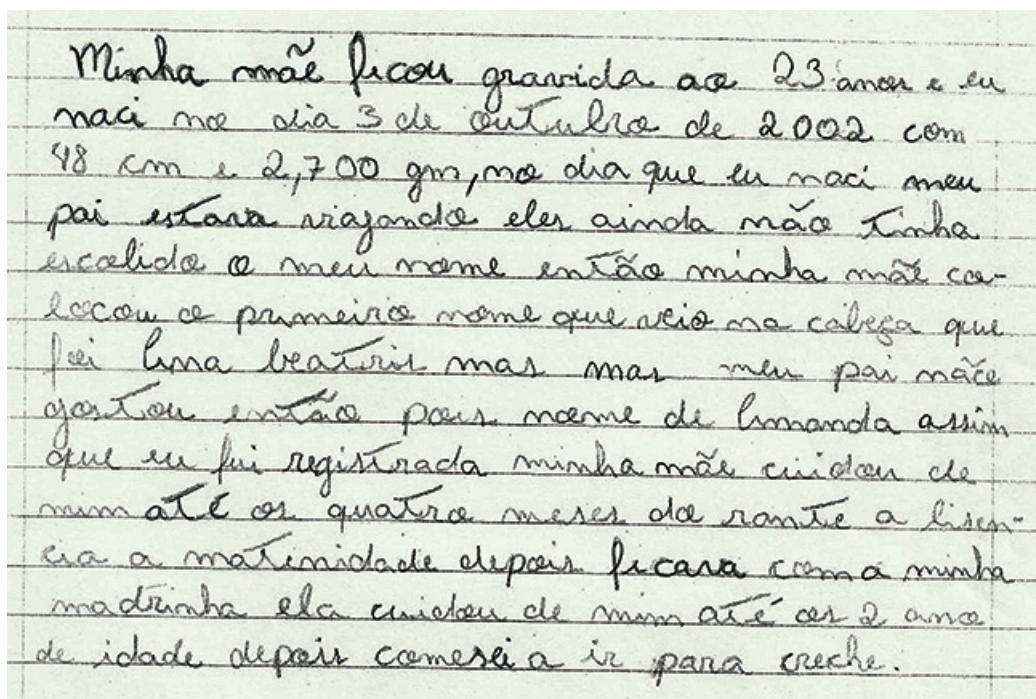


Figura 1. A. C. P. (menina com oito anos de idade)

Transcrição literal do relato 1¹

- (01) Minha mãe ficou grávida **ao 23** anos e eu **nasci** no dia **3** de outubro de 2002 com 48 cm e 2,700 gm, no dia que eu **nasci** meu pai estava viajando eles **ainda não tinha escolhido** o meu nome **então** minha mãe colocou **o primeiro nome que veio na cabeça** que foi Ana **beatriz mas mas** meu pai não gostou **então pois** o nome de Amanda assim que eu fui registrada minha mãe cuidou de mim até os **quatro** meses **do rante a licença a** maternidade depois ficava com a minha madrinha ela cuidou de mim até os **2 ano** de idade depois **comesei** a ir para creche.

¹ As palavras e a pontuação destacadas em negrito correspondem às marcas linguístico-discursivas observadas nos relatos que manifestam a relação dialógica desses sujeitos com a linguagem.

Análise do Relato 1: As marcas da relação sujeito/linguagem

Nesse relato, a princípio, parece ter havido um menor envolvimento nos processos de produção textual devido à seleção sucinta de informações fornecidas pela mãe à criança que, provavelmente, inclusive também por essa razão, produziu todo o texto em um único parágrafo.

Seu relato se caracteriza por uma síntese das situações vivenciadas por sua mãe, a partir da gravidez aos vinte e três anos, fato que parece ter sido bastante significativo para essa mãe, visto que começa a contar as suas memórias com essa informação. A seguir, menciona dados antropométricos (peso e altura da criança ao nascer), dados comuns nos Serviços de Saúde. A menção a esses dados pode ser vista como uma atitude responsiva dessa mãe à profissional da Saúde que lhe solicitou essa atividade. Observa-se uma força argumentativa nesse relato manifestada pelo uso do articulador discursivo-argumentativo MAS, que mostra dois atos de fala distintos e um entrechoque de vozes (polifonia) numa estratégia de suspense produzida pelo enunciador. Também é enfática a informação sobre a ausência do pai, um caminhoneiro, que, por motivo de trabalho, estava viajando no dia do nascimento da filha. Essa informação, sobre o motivo da ausência do pai, não foi explicitada no relato produzido pela criança, posteriormente a obtivemos nos diálogos com esses pais no decorrer da pesquisa. Assim como soubemos pela própria mãe que aos vinte e três anos ela já se sentia preparada e queria muito ser mãe. Ela era babá e gostava muito de crianças.

No percurso das nossas interações verbais parece ter ocorrido uma ressignificação para os pais, principalmente para essa mãe sobre o que ela definiu como “pequenos detalhes” da história de vida da sua filha, detalhes que, a princípio, não pareciam ser valorizados, mas, ao serem contados e comentados, passaram a ser muito significativos por mostrarem a ela como e quanto aprendeu com a experiência de ser mãe e com a importância de sua presença no contexto familiar.

Essa criança solicitou a ajuda da profissional/pesquisadora para escrever sobre os significados que essas duas atividades de linguagem, isto é, a entrevista e o relato, tiveram para ela. Conversamos, então, sobre como ela havia feito essas atividades e, desse modo, ela passou a descrever sucintamente em uma folha de rascunho sobre essas suas ações. Finalizou seus comentários dizendo que nunca tinha feito uma entrevista como essa, mas que fez e gostou muito. Desenhou estrelas e corações, assinou o seu nome completo, assumindo assim *responsabilidade enunciativa* (cf. ADAM, 2008, p. 115) dessa sua produção escrita. Acrescentou, ainda, uma observação para manifestar como se sentia desde o seu nascimento e, como se terminasse de escrever uma carta ou um bilhete, deixou um beijo para o(s) destinatário(s).

A relação fala/escrita observada entre as produções escritas e as leituras orais: a presença da fala na escrita e da escrita na fala

Dados encontrados

- (02) Essa criança relacionou coerentemente as partes de seu texto pela prosódia, manifestando a dupla dialogia entre produtor/leitor e entre escrita/oralidade, apontando na leitura oral para indicações de sentido. Desse modo, mesmo usando apenas uma vírgula e um ponto final em todo o seu relato, essa criança já manifesta indícios da percepção da multifuncionalidade linguística dos sinais de pontuação, apresentando marcas enunciativas de interlocução e de construção do sentido);

- (03) Há em seu relato ocorrências de regras do plural do PNP – Português não padrão (Cf. BAGNO, 2000, p. 46-48)
- (04) Ao ler a data de seu nascimento, hesitou dizendo 03 do 10, corrigindo-se a seguir, dizendo três de outubro (o primeiro modo, 03/10 é o mais frequentemente utilizado nas práticas escritas cotidianas). Leu 270 gm em vez de 2,700 Kg;
- (05) Leu a palavra escolhido do modo como a escreveu: escolido, assim como leu a palavra durante do modo como a hipersegmentou na escrita do rante (marcas dos encontros entre práticas sociais orais/faladas e letradas/escritas (Cf. CORRÊA, 2004, p. 125)
- (06) Ao perceber a repetição do articulador discursivo-argumentativo MAS no relato escrito, apresentou uma pausa longa e momentos de hesitação, antes de reconstruir na sequência de sua leitura: [mas...o meu...pai];
- (07) Fez inserções lexicais coesivas em sua leitura oral [o meu] nome de Amanda (presença da escrita na fala);
- (08) Na leitura, apropriando-se do texto, substituiu a conjugação verbal no pretérito imperfeito do indicativo: “ficava” pela conjugação verbal no pretérito simples do indicativo: “fiquei”;
- (09) Na penúltima linha, novamente, apropriando-se do texto, excluiu de sua leitura a expressão “de idade”;
- (10) Apresentou hesitação na leitura da palavra comecei, a princípio, dizendo conse...como se quisesse dizer consegui.

Relato 2

A minha gestação foi muito esperada porque minha mãe não tinha o meu pai e não esperava que minha mãe quando minha mãe foi fazer exames que era um médico.

Mas ela e meu pai ficaram muito contente porque eu vim com saúde.

Mas na hora de escolher o meu nome foi uma briga porque meu pai queria Felipe e minha madrinha queria Luis então minha mãe decidiu colocar Luis e Felipe todos ficaram contentes.

Mas com três meses minha mãe descobriu que eu tinha anemia e minha mãe começou o tratamento, mas logo já estava melhor.

Então comecei a andar com 9 meses e era um menino muito ardeiro quando eu tinha 2 anos fiztei pulas e janelas do prédio minha mãe ficou muito nervosa pediu para meu pai arrumar uma casa mas mesmo assim eu continuei apertando porque quando meu pai foi colocar a antena em cima da casa ele esqueceu a escada de pl e eu peguei e subi em cima da casa.

Quando eu tinha com 3 anos voltei a pulas janelas mas agora foi a janela da minha casa eu acho que eu ia ardeir de novo e minha mãe não se me trahi toda.

Agora eu já estou com 9 anos e ali que tudo que eu fiz era muito perigoso, mas agora não sou mais.

Porque tenho mais 2 irmãos mas não sabe quem eu e eu tenho que ensinar coisas boas para eles.

E minha vida é muito boa hoje graças a Deus e ao meu pai por ter me ensinado tudo de bem para mim e para meu irmãos e eu sou muito feliz.

Figura 2. L. F. S. S. (menino com oito anos de idade)

Transcrição literal do relato 2

- (11) A minha gestação foi muito esperada porque minha mãe não sabia o meu sexo e **nós esperavam** que **vinha** uma menina, **quando** minha mãe foi ganhar descobriu que era um menino.
- Mas** ela e meu pai ficaram **muitos contente porque** eu vim com saúde.
- Mas** na hora de escolher o meu nome foi uma briga porque meu pai queria Felipe e minha madrinha queria Luis então minha mãe decidiu colocar Luis Felipe todos ficaram contentes.
- Mas** com **três** meses minha mãe descobriu que eu tinha anemia **ai minha** começou o tratamento, **mas** hoje já estou melhor.
- Eu comecei a andar com **8** meses e era um menino muito **arteiro quando** eu tinha **2** anos tentei pular a janela do **predio** minha mãe ficou muito nervosa pediu para meu pai arrumar uma casa com medo de eu fazer de novo, meu pai arrumou uma casa **mas mesmo a sim** eu continuei aprontando **porque quando** meu pai foi colocar a antena em cima da casa ele esqueceu a escada de pé e eu peguei e subi em cima da casa.
- Quando** eu estava com **3** anos voltei a pular janela **mas agora** foi a janela da minha casa eu achei que eu ia **avoa** como o homem aranha **mas só me ralei todo**.
- Agora** eu já estou com **8** anos e sei que tudo que eu fiz era muito perigoso, **mas agora não fasso mas**.
- Porque** eu tenho **mas 2** irmãos **mas** novo que eu e eu tenho que ensinar coisas boas para eles.
- E minha vida e muito boa **hoje graças a Deus** e aos meus pais **por-tar me** ensinando tudo de bom para mim e para meus irmãos, essa foi minha **hitória**.

Análise do Relato 2: As marcas da relação sujeito/linguagem

No caso do menino, a entrevista foi feita apenas com a sua mãe, pois seu pai, um mestre de obras, também estava viajando a serviço, quando lhes foi solicitada essa atividade. Desde o início, a mãe dessa criança se mostrou bastante envolvida para realizar essas atividades.

No relato escrito pela criança, por meio do uso frequente dos marcadores discursivo-argumentativos, dentre eles, principalmente, o uso do marcador MAS, é possível observar a força argumentativa dos enunciados na relação sujeito/linguagem dessa mãe na construção do discurso que se refere às suas memórias sobre a história de vida desse seu filho. Os usos desse marcador, como já comentado no relato anterior, mostram dois atos de fala distintos, um entrechoque de “vozes” que falam de perspectivas de pontos de vista diferentes, ou seja, mostram o fenômeno da polifonia. Mostram uma estratégia argumentativa de suspense e sinalizam na história vários momentos de adversidade, geralmente ditos como superados de modo feliz, graças à fé que a família tem em Deus e às atitudes conciliatórias e determinadas dessa mãe.

Na seleção de fatos contados por ela são priorizadas as ações, os comportamentos e as características de personalidade dos familiares, sobretudo da criança (uso do modalizador: arqueira), embora também faça referência à saúde e ao desenvolvimento neuropsicomotor da criança, destacando que começou a andar com oito meses; nada comenta sobre quando e como se deu a aquisição e o desenvolvimento de linguagem. Possivelmente, decidiu enfatizar nessa entrevista momentos marcantes para ela relacionados às situações de risco que justificassem a qualificação de arqueira atribuída a esse filho.

Quando conversamos sobre o modo como foi feita a entrevista e o relato escrito, essa mãe disse que, inicialmente, escreveu sobre o que lhe havia sido solicitado para que seu filho copiasse o texto produzido por ela. No entanto, devido ao fato de a criança não conseguir compreender bem a letra dela, decidiram, a partir de certa parte do texto, continuar a

atividade como se fosse um ditado, isto é, a criança escrevia o que ela lhe ditava (menção às práticas escritas institucionalizadas). Essas informações contribuíram para a análise da produção textual da criança que, em seu relato, usa paragrafação, acentuação e os sinais de pontuação, demonstrando maior contato e atenção às marcas presentes em práticas de escrita.

Houve também um grande envolvimento da criança nessa produção textual, uma vez que, quando ouvindo ou copiando o que lhe foi contado, não substituiu o pronome de primeira pessoa do plural *nós* pelo pronome pessoal de terceira pessoa *eles*, atribuindo *responsabilidade enunciativa* (cf. ADAM, 2008, p. 115) a sua escrita. Esse envolvimento pode ainda ser observado nos usos assistemáticos da pontuação, assim como nos implícitos e pressupostos sinalizados nas omissões de palavras imaginadas como já ditas/escritas pela criança (Por ex: ganhar nenê → ganhar -----; minha mãe → minha ----).

Quanto às respostas escritas nos formulários com relação aos significados que essas duas atividades tiveram para essa mãe e para essa criança, a mãe disse não ter compreendido bem o que lhe era solicitado no enunciado daquela questão. Por isso, decidiu respondê-la reproduzindo o que já havia escrito e contado para o seu filho. Desse modo, produziu também um relato escrito, direcionando as informações à pesquisadora e a outros possíveis destinatários. Finaliza seu texto como se finalizasse uma carta pessoal utilizando-se dos seguintes dizeres: “Vou terminando...”.

Mais do que manifestarem a consequência de uma leitura equivocada, esses dados reforçam, a nosso ver, o envolvimento dessa mãe, desejando marcar também a sua *responsabilidade enunciativa* (cf. ADAM, 2008, p. 115) na construção dos processos discursivo-textuais da história de vida do filho. Manifestam significativas relações inter-genéricas que constituem a sua historicidade. A resposta da criança a essa questão confirma o seu envolvimento na produção das atividades solicitadas, uma vez que, em poucas palavras, manifesta o seu contentamento em saber sobre fatos de sua vida que ainda não sabia. Oralmente, disse ter gostado muito de saber, sobretudo, sobre as suas artes de subir em telhados e de pular janelas.

A relação fala/escrita observada entre as produções escritas e as leituras orais: a presença da fala na escrita e da escrita na fala

Dados encontrados

- (12) Em algumas palavras constituídas pelos fonemas /l/ e /r/, como por exemplo: Felipe e esperavam, a criança omite ou pronuncia de modo impreciso esses sons: Felipe → Fe() ipe; esperavam → espe() avam. São ocorrências assistemáticas observadas principalmente em sua fala espontânea;
- (13) No segundo parágrafo, lê inicialmente as palavras “muito contente” no singular, mas, a seguir, corrige a sua leitura, lendo as palavras “muitos contente”, usando o plural apenas em uma dessas palavras, lendo-as exatamente como estão escritas no relato (percepção dos diferentes usos do plural no Português Padrão e no Português Não Padrão);
- (14) No terceiro parágrafo, apropriando-se do texto, lê inicialmente “minha mãe” no lugar de “minha madrinha”, mas logo em seguida faz a correção e lê “minha madrinha” como está escrito no relato;
- (15) No quarto parágrafo, na segunda linha, hesita bastante e repete a palavra “minha” ao ler o enunciado: [aí minha...começou o tratamento], demonstrando perceber uma alteração lexical: a falta da palavra “mãe” ou a não necessidade do uso do pronome “minha”;

- (16) No quinto parágrafo, apresenta hesitações na leitura como se não estivesse conseguindo compreender devidamente a grafia de algumas palavras, insere o pronome pessoal “meu”, ao se referir ao prédio em que morava, insere também, na quarta linha desse parágrafo, o artigo definido masculino o, antes de ler [meu pai] (marcas da escrita na fala). Na última linha, quase insere o dêitico “lá” antes de ler “... em cima da casa” como se estivesse se inserindo também espacialmente nesse discurso. Ainda na terceira linha desse parágrafo, lê a palavra “assim” sem hipersegmentá-la.
- (17) Usa a mesma pronúncia para palavras semelhantes com diferentes funções linguísticas: “mas” (articulador discursivo-argumentativo) e “mais” (advérbio de intensidade), usando geralmente a pronúncia “mas”;
- (18) Na leitura, novamente, apropriando-se do texto, insere o plural na palavra “novo”, pronunciando: irmãos ma(i) s novos (uso do plural do Português Padrão);
- (19) Na segunda linha, do último parágrafo, inicialmente lê “dos meus pais”, a seguir, hesita bastante e finalmente lê “aos meus pais”, demonstrando estranhamento e dificuldades na percepção da grafia dessas palavras. Também, nessa mesma linha, lê do modo como estão escritas as palavras “por – tar”, sinalizando como escrevente a sua circulação dialógica pelos três eixos do imaginário sobre a escrita. (cf. CORRÊA, 2004, p.14-15).

Considerações finais

Consideramos bastante significativo o fato de as duas crianças narrarem, em primeira pessoa, as memórias contadas por seus pais sobre os seus primeiros anos de vida, pois, desse modo, assumiram discursivamente a posição de protagonistas das histórias de suas vidas, manifestando, por meio dessa voz narrativa, também a possibilidade de penetrarem com maior profundidade no universo social e psicológico que as circundam. Pudemos observar nas atitudes responsivas das mães um predomínio da função emotiva, ou seja, ênfase nas marcas da atitude pessoal e valorativa delas em relação à seleção de informações fornecidas aos seus filhos e à profissional da Saúde pesquisadora que lhes solicitou essas atividades de linguagem.

Conforme acreditávamos, pudemos encontrar índices de polifonia, de vozes vindas de um interdizer, observados nas produções dos discursos, principalmente nos usos frequentes do articulador discursivo-argumentativo MAS e no uso de expressões populares vindas da memória discursiva coletiva. Nos dois relatos, as ocorrências de regras apreendidas naturalmente do PNP - Português Não Padrão - manifestam a historicidade dos sujeitos em um patrimônio linguístico compartilhado no convívio familiar. Pudemos ainda constatar a manifestação de relações intergenéricas também constituindo a historicidade dos discursos produzidos por uma das crianças e por uma das mães (fronteiras entre os gêneros discursivos relato e carta pessoal).

Os dados encontrados nas observações de como se manifesta a relação fala/escrita entre as produções escritas e as leituras orais feitas pelas crianças reafirmaram a constituição heterogênea da escrita, visto que puderam ser enumeradas diversas ocorrências mostrando a presença de uma fala na escrita e de uma escrita na fala, evidenciando a circulação dialógica desses escreventes por práticas sociais orais e letradas.

Os estudos etnográficos foram de fundamental importância, pois, de fato, ampliaram a compreensão sobre o que está envolvido nas práticas orais e escritas dos letramentos dos sujeitos dessa pesquisa, possibilitando, além do conhecimento das condições de produção dos processos discursivo-textuais investigados, também respostas interessantes para as

duas questões levantadas nessa pesquisa. Para a primeira delas, verificamos que, discursivamente, no percurso das cenas de enunciação vivenciadas, a oralidade revelou o caráter dialógico e multidimensional da linguagem, desempenhando importantes funções linguístico-discursivas relacionadas à coesão e à coerência das práticas de letramentos investigadas, uma vez que, em diversas interações face a face com os sujeitos participantes obtivemos informações fundamentais para a compreensão das histórias de vida relatadas nas produções escritas das duas crianças. Para a segunda questão, pudemos encontrar como resposta a confirmação de que as práticas discursivas relacionadas à escrita pessoal, mais do que possibilitarem a construção de identidades, de relações e de compreensão mútuas, sobretudo permitem, pela presença do interdiscurso na produção dos sentidos, interessantes ressignificações de acontecimentos já vividos, constituindo-se em práticas interativas muito motivadoras pelo alto grau de envolvimento proporcionado nos momentos de produção textual, momentos em que o enunciador antecipa seus co-enunciadores, ou seja, os outros destinatários com quem poderá posteriormente compartilhar essas histórias.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J. M. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. Revisão técnica Luís Passeggi, João Gomes da Silva Neto. São Paulo: Cortez, 2008. 368 p.
- BAGNO, M. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2000. 171 p.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 421 p.
- BAZERMAN, C. *Gênero, Agência e escrita*. Organização de Judith Chambliss Hoffnagel, Angela Paiva Dionísio, tradução e adaptação Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2006. 144 p.
- CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 309 p.
- JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. 22. ed. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2003. 162 p.
- LILLIS, T. Ethnography as method, methodology and deep theorizing: closing the gap between text and context. *Written Communication*, v. 25, n. 3, p. 353-388, July 2008. Disponível em: <<http://wex.sagepub.com>>. Acesso em: 27 ago. 2012
- MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. In: _____. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. Cap. 3, p. 69-92.
- _____. L'Archive. In: _____. *Analyse du discours: introduction aux lectures de l'archive*. Paris: Hachette, 1991. p. 9-28.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008. 205 p.

STREET, B. V. Cross-cultural perspectives on literacy. In: VERHORVEN, L. (Ed.) *Functional Literacy: theoretical issues and educational implications*. Amsterdam: Johns Benjamins, 1994. p. 95-111.